

Cartas sobre a
docência em
Ciências e Biologia
em tempos de
confinamento

MARÍLIA ANTUNES GOMES

ORIENTADOR DR. LEANDRO BELINASSO
GUIMARÃES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Marília Antunes Gomes

**CARTAS SOBRE A DOCÊNCIA EM CIÊNCIAS E BIOLOGIA EM TEMPOS DE
CONFINAMENTO**

Florianópolis

2020

Marília Antunes Gomes

**CARTAS SOBRE A DOCÊNCIA EM CIÊNCIAS E BIOLOGIA EM TEMPOS DE
CONFINAMENTO**

Projeto de Trabalho de Conclusão do Curso de
Graduação em Ciências Biológicas - Licenciatura do
Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal
de Santa Catarina como requisito para a obtenção do
título de Licenciada em Ciências Biológicas

Orientador: Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra

A ficha de identificação é elaborada pelo próprio autor.

Orientações em:

<http://portalbu.ufsc.br/ficha>

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e minha família, toda gratidão por serem minha fonte inesgotável de admiração e apoio. Em especial a minha mãe, que se fez e ainda se faz presente, me motivando e sendo um verdadeiro exemplo de resiliência, humildade, e amor incondicional.

Agradeço minha avó Teresa e meu tio Hélio que, enquanto se fizeram presentes, sempre demonstraram felicidade e vibraram com minhas conquistas. Obrigada por terem preenchido meus vazios com suas palavras e gestos de amor, vocês foram e sempre serão minha fonte de inspiração.

Aos meus amigos, em especial Fernando, Yara e Paula, que me acompanharam durante fases distintas da vida, mas que sempre se fizeram presentes de alguma forma. Agradeço pela amizade singular e especial de cada um. Vocês desbloquearam meus medos, me motivaram e apoiaram constantemente a persistir nos meus planos e objetivos.

Ao meu orientador, Leandro. Sou profundamente grata por ter sido sua aluna e orientanda. Obrigada por sua dedicação, paciência, por ter encontrado soluções para as questões que surgiram no trabalho e por ter sido sempre tão presente. Sou uma verdadeira admiradora do teu trabalho como docente e das tuas aulas ricas, inventivas e permeadas de afeto.

Cada um tem de fazer um trabalho sobre si mesmo até encontrar aquilo que o define e o distingue. E ninguém se conhece sem partir. Sim, parte, divide-te em partes. Sem viagem não há conhecimento. E sempre que se bifurquem os caminhos à tua frente, segue por aquele que tiver sido menos percorrido. É isso que marcará a tua diferença como investigador. Sem coragem não há conhecimento.

(António Nóvoa. Carta a um Jovem Investigador em Educação, 2014, p. 14).

RESUMO

Esta pesquisa cartográfica apresenta cartas escritas por cinco professores/as de Ciências e Biologia da educação básica. Elas foram tecidas durante o ensino remoto imposto pela pandemia do coronavírus. São narrativas permeadas de experiências distintas, mas que carregam sentimentos em comum e permitem ao leitor uma análise atenta e cuidadosa dos enormes desafios de professores/as em tempos de pandemia. As cartas revelam os aspectos da docência e as experiências do ensino remoto, bem como novos olhares e possibilidades frente à educação em tempos que exigem em certa medida uma reinvenção das práticas pedagógicas, capacidade de inventividade e coragem para criar. O presente trabalho retrata, por meio das cartas, as vivências experimentadas por esses cinco docentes durante a pandemia, com o intuito de explicitar seus anseios e dificuldades, mas também a potência encontrada diante de novas possibilidades de se fazer educação. A pesquisa se nutre metodologicamente da cartografia. Através das inspirações desse método, evita-se analisar as cartas, mas acompanhar e refletir sobre aspectos por elas levantados. Foram elegidas três categorias. São elas: *Os desafios enfrentados com a adaptação ao ensino remoto, a saudade das aulas presenciais e alternativas exploradas.*

Palavras-chave: 1. Formação de Professores 2. Ensino Remoto 3. Ensino de Ciências e Biologia 4. Carta

SUMÁRIO

1. O percurso até aqui.....	9
2. O caminho da pesquisa: a escrita das cartas.....	12
3. Cartas dos docentes.....	14
4. Experiências que se cruzam nas narrativas de cinco docentes de Ciências e Biologia.....	36
5. Relatos da docência em tempos de confinamento.....	37
6. Considerações finais.....	43
7. Referências.....	46

1. O percurso até aqui

Nasci em São José, cidade vizinha de Florianópolis. Sou conhecida pelos meus amigos como Mari ou Ma e pela família como Lila ou Lilica. Desde muito nova desenvolvi um olhar atento à natureza, o gosto pela leitura e o prazer em apreciar e desvendar a sutileza e a beleza de todas as formas de vida. Isso se deve em grande parte aos meus pais, que durante minha infância e adolescência se desdobraram para me proporcionar um ensino de qualidade, assistência psicológica, me incentivaram a ter autonomia e a seguir minha própria trajetória com amor e respeito.

Cursei o Ensino Fundamental no Colégio Visão e o Ensino Médio no Colégio Dom Jaime Câmara, ambos no Kobrasol, bairro em que eu residia com minha família, de modo que fiz muitas amizades com as crianças na escola e que com as que moravam nas proximidades da minha casa. Recordo com muito carinho do Ensino Fundamental, adorava ir à escola, aprender coisas novas e brincar com os colegas. Lembro o nome de quase todas as professoras, as quais designávamos carinhosamente como “tias”: Tia Suzi, do jardim; tia Andrea do pré; tia Reni da primeira série e por aí vai... sempre dispostas a me acolher, exercendo a profissão com afeto e brilho nos olhos. Foi uma fase muito linda e ousado dizer que uma das melhores que já vivenciei.

De modo diferente, o Ensino Médio foi um período de altos e baixos. Acho que sobretudo devido aos conflitos internos e questões mal resolvidas relacionadas à autoestima, além de algumas situações conturbadas na minha família não me fazem recordar dessa fase com tanto carinho como os anos iniciais de ensino. Porém hoje, com mais maturidade, tenho consciência que tive muitos momentos felizes durante o Ensino Médio. Foi durante essa fase da minha vida que desenvolvi uma admiração ainda maior e um desejo mais sólido em optar pela graduação em Biologia.

No primeiro semestre de 2014 ingressei na UFSC, ano em que também comecei a trabalhar na microempresa de controle e qualidade de águas do meu pai. Acredito ser realizada com o meu trabalho, mas sempre tive grande admiração pela área da docência. Desse modo, em diversos momentos durante a graduação me senti dividida e de certa forma pressionada a optar por um desses dois caminhos. Nunca descartei a possibilidade da docência, principalmente para os anos iniciais, e hoje eu acredito que é possível no futuro conciliar e me realizar exercendo as duas profissões.

Minha trajetória na graduação é marcada por diversas experiências agradáveis, e apesar de ter trancado o curso em dois momentos – no ano de 2015, devido

a problemas de saúde e no primeiro semestre de 2018, devido a um acontecimento extremamente infeliz para a minha família – posso afirmar hoje, já na reta final, que venho fazendo um caminho lindo, que se deve em grande parte aos professores incríveis que tive a oportunidade de conhecer e aos amigos feitos durante a graduação.

Durante a sinuosa trajetória da escolha do tema para o TCC houve muitos momentos de frustração, anseios, desmotivação, dúvidas de qual caminho seguir. Em um primeiro momento julguei mais sensato construir o trabalho em algum tema relacionado com a área em que trabalho. Em 2019, relatei minhas aflições durante um café com colegas do curso e uma delas, que já havia trabalhado em um laboratório da Engenharia Sanitária e Ambiental, me orientou buscar um professor, em específico na área de Ecotoxicologia Aquática, uma área que investiga os possíveis efeitos tóxicos de substâncias sintéticas nos seres vivos.

Tive apenas duas conversas com o professor presencialmente, todas as demais se deram via e-mail. Nessa segunda conversa, ficou definido que um mestrando do laboratório no qual o professor era responsável iria me auxiliar, pois o professor estava envolvido em diversos outros projetos e seria inviável dispender tempo me orientando naquele momento. De início fiquei muito empolgada, como sempre fico quando inicio um novo projeto, ainda mais em uma área de interesse. Foram alguns meses de muita discussão em que acompanhei a rotina no laboratório, definimos um tema e eu iniciei a escrita do projeto. Porém após alguns meses aquela empolgação inicial foi aos poucos deixando de existir. Estava começando a me sentir insegura para explorar o tema escolhido, além disso, notei pouco interesse do orientador em acompanhar o desenvolvimento do projeto, pois tudo ficou a cargo do mestrando, que de certa forma também estava começando a ficar sobrecarregado. Enfim, me senti desamparada e isso de certa forma estava afetando negativamente minha escrita e influenciando outras áreas da minha vida.

Apesar do evidente descontentamento com o projeto, optei por continuar com o tema durante mais um mês, pois não me parecia correto desenvolver um trabalho de conclusão de curso em uma área distinta da qual eu trabalho e também devido a uma certa insegurança em abandonar um projeto no meio do caminho. Além disso, eu frequentemente me questionava em trabalhar com algo voltado para a área da licenciatura. Era um desejo que eu insistia em bloquear.

Posso afirmar que o início da pandemia e o fechamento das universidades foi o momento crucial para a tomada da minha decisão em mudar os rumos do meu

projeto. Optei por abandonar a temática na qual vinha trabalhando e decidi voltar meu olhar para a licenciatura. Entrei em contato com o professor Leandro Belinaso, professor que admiro e tenho enorme carinho desde as fases iniciais do curso. Já tinha algumas ideias e meu intuito era desenvolver um trabalho que envolvesse alguma temática relacionada a águas, mas percebi que essas ideias iriam demandar um contato com os alunos e professores nas escolas, algo inviável no atual cenário que estamos enfrentando.

Entre alguns e-mails e conversas através das telas, surgiu uma ideia linda envolvendo cartas. Por ser de certa forma uma proposta autêntica e tão afetuosa em meio a um momento de tantas turbulências, eu fiquei imensamente feliz com o tema e as conversas que seguiram. Foi algo que me impulsionou ainda mais a percorrer esse novo caminho. A ideia inicial do meu projeto é buscar entender, através de cartas escritas por docentes, quais os desafios da docência em ciências e biologia durante a pandemia. São essas cinco pessoas, seus relatos e suas experiências diárias durante o confinamento, que se tornaram a base da minha pesquisa.

2. O caminho da pesquisa: a escrita das cartas

A escolha das cartas como ferramenta metodológica para o presente trabalho partiu de um afeiçoamento pessoal por esse modo de escrita. Mas também porque a carta pode ser vista como um registro de ideias, sentimentos, denúncia, memória, história. Além disso, busco romper com a estrutura de pesquisas baseadas em entrevistas que seguem um protocolo ou roteiro de perguntas e buscar, assim como Oliveira (2010) “investir em outras possibilidades narrativas, buscando outros conhecimentos e formas de expressão, recorrendo a formas diferenciadas e enriquecidas de escritas, em uma pluralidade de conhecimentos e suas formas de expressão.”

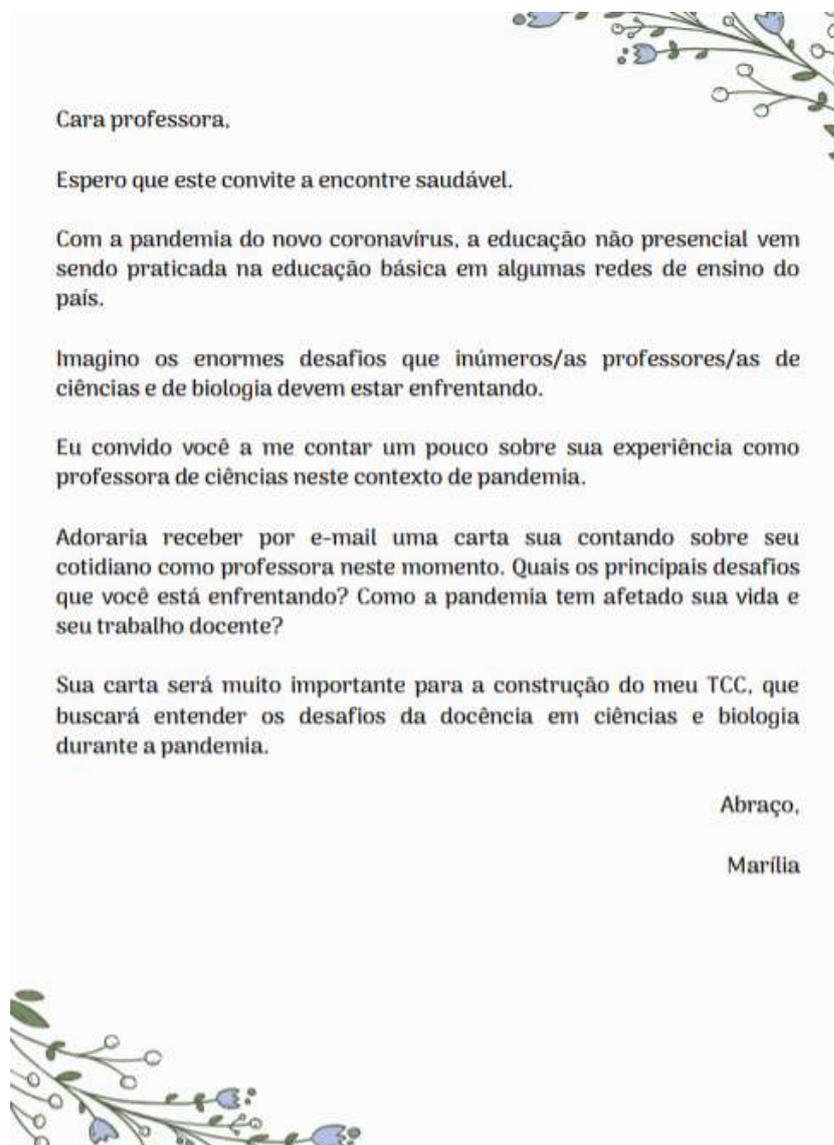
Acredito que o contexto que estamos vivenciando também foi uma das motivações da escolha dessa ferramenta como caminho para a pesquisa. Durante a revisão bibliográfica realizada no decorrer deste TCC, constatei que existem poucos trabalhos na área de Ciências e Biologia que se valem das cartas como ferramenta metodológica. No entanto, durante a atual conjuntura que vivemos, marcada por uma série de restrições e limitações, surgiram mais trabalhos na área da educação como um todo que exploram e fazem uso dessa forma diferenciada e enriquecida de escrita.

Durante a pandemia, muitos de nós fomos forçados a desacelerar, a voltar o olhar para dentro. A escrita de uma carta é, de certa forma, um exercício de autoconhecimento que nos permite trazer à luz reflexões importantes. Assim como cita Ribeiro & Souza (2010) “as cartas, em última instância, parecem apresentar frestas que deixam entrever a dinâmica da vida das pessoas, sob diferentes nuances: pessoais, profissionais, sociais, por exemplo.” (p.94).

Minha pesquisa se baseia nos relatos escritos por cinco professores de Ciências e Biologia e teve como principal inspiração as pesquisas realizadas pelo prof. Dr. Marco Antônio Leandro Barzano, que vem realizando estudos sobre as cartas como dispositivo de pesquisa no campo da Educação. Este afirma que “a utilização das cartas como ferramenta nos possibilita sair de nós mesmos para estar em encontro com tantas outras/os pessoas em um estado de transformação (BARZANO, 2019, p. 118).

A escrita da carta destinada aos docentes e a posterior leitura das cartas que me foram enviadas também fizeram com que eu enxergasse o modo de se fazer pesquisa com um novo olhar, bem como suas diversas possibilidades, sobretudo dentro da Licenciatura. Segundo Gomes (2019, p. 65-66) “uma pesquisa pautada na cartografia consiste em acompanhar processos, em mostrar aquilo que sustenta o que desejo

apresentar, diferente da ciência moderna que prega a limpeza, o controle de variáveis, o distanciamento entre sujeito e objeto. Contudo, o método cartográfico não pretende ser melhor nem pior, apenas ser outro modo de fazer pesquisa.”



Anexo da carta enviada aos docentes.

3. Cartas dos docentes

Nesse tópico do trabalho apresento as cartas dos cinco docentes. Cada uma das cartas, especial e singular a seu modo, aborda as contrariedades da adaptação a uma nova forma de ensino. Há trechos que revelam a dimensão das contrariedades e angústias pessoais, mas também evidenciam as pequenas alegrias e conquistas concebidas com os novos caminhos explorados, conversas com os alunos, ideias e metodologias que floresceram frente aos impasses do ensino remoto.

São reflexões sobre a vida e abordagens de temáticas que, não fosse pela mudança tão inesperada que essa nova forma de ensinar exigiu e segue exigindo, talvez nunca tivessem sido concebidas.

Desse modo, observo nessas escritas a forma como cada um desses professores vivencia a docência em tempos de confinamento, as diferentes alternativas encontradas por eles, os silêncios, as dúvidas, a emoção, o afeto, a dureza, a inconsistência e os desafios particulares que vêm enfrentando em um período de tantas incertezas

Vale deixar claro que a motivação para escolha dos professores que escreveram as cartas se deu por seus percursos e experiências bastante distintas tanto em suas vidas pessoais, mas sobretudo na docência. Isso sem dúvida torna a construção do trabalho um processo mais interessante e encantador, pois permite escutar diferentes realidades.

Carta 1:

Querida Marília,

Confesso que achei muito bonito e sensível o seu convite. Porém, ao mesmo tempo, dei um suspiro e pensei “nossa, que convite difícil”. Sinto que estou com dificuldade pra te responder, pois você pergunta sobre algo que talvez eu não queira olhar com muita atenção ou falar. Contar sobre meu cotidiano como professora neste momento é também compartilhar de sentimentos e emoções que eu não estou gostando muito de sentir. Mas vamos adiante, me senti desafiada e pode ser um exercício interessante tentar compartilhar.

Meu cotidiano como professora nesse momento tem se misturado mais ainda à minha vida como um todo. Sinto que o fluxo de intensidades, variações e emoções está mais intenso e a docência entra nisso também. Ainda mais fazendo tudo do mesmo local físico e material. Compartilho com meu companheiro, no mezanino, uma mesa de trabalho de escritório e computador. Geralmente vamos nos auxiliando, mas também há momentos de difícil concentração, ainda mais quando temos chamadas e reuniões online, porque aqui em casa dá pra ouvir tudo de todos os cantos. Quando um está falando, o outro tem que estar mais em silêncio. E assim, vamos nos organizando, usando fones, enfim, nos adaptando a forma que dá.

Além disso, ainda tenho dificuldade de me organizar nos tempos e demandas de casa. O trabalho intenso no computador me cansa bastante também. Meu computador queimou a placa mãe há duas semanas, consegui um computador emprestado pra não ficar sem, mas muito antigo e mais lento e estou com dificuldades de comprar um novo porque está tudo muito caro.

Tenho olhado mais ainda para a relação entre corpo-território e como o espaço em que estamos fisicamente, as relações que estabelecemos com os elementos vivos e não vivos à nossa volta nos constituem também. Sinto que estar pensando nas aulas aqui na minha casa sem ou com pouco retorno dos estudantes me desanima muito. Me sinto muito solitária e fico em dúvida sobre como as coisas estão repercutindo ou sendo recebidas pelos e pelas estudantes em geral. Do jeito que está, a coisa toda fica muito unilateral.

Pra mim a docência é muito construída com as turmas. Gosto de ter um planejamento traçando por onde eu desejo caminhar, mas talvez por me considerar ainda iniciante na docência sou muito aberta para o que surge no caminho com a interação com a turma. E disso tenho sentido muita falta. Muita falta mesmo. Sabe de ouvi-los, conversar, ver as reações, criar junto, celebrar ou ser questionada sobre algo. Sentir a indignação

e estranhamento. Me mover, olhando nos olhos, sentindo os cheiros, dando risada.

Atualmente, eu estou vinculada a uma escola estadual, aqui em Florianópolis. Entre muitas idas e vindas, decidimos na escola por nos comunicarmos com os e as estudantes através da Plataforma Google Sala de Aula. Apenas o setor administrativo usa WhatsApp, há um grupo da direção/supervisão com cada turma para informar avisos oficiais importantes à turma. Fizemos isso para evitar sobrecarregar ainda mais os professores e professoras. Também porque tudo que acontecer via WhatsApp não teremos respaldo nenhum do governo. Eles indicaram que a plataforma oficial onde tudo ficará registrado é pelo Google.

Apesar de nos primeiros meses ter demandado um tempo maior de aprendizado para uso das ferramentas, quanto à isso eu tenho facilidade em aprender. Agora, constante aprendo algo novo da plataforma, mas vai fluindo. Infelizmente essa não é a realidade de muitos professores, o que dificulta a comunicação. Eu dou aula para cinco turmas, quatro 1ºs Anos (Ensino Médio) e um 3º Ano (Ensino Médio). Grande parte dos e das estudantes tem muita dificuldade em se comunicar e usar a plataforma do Google, muitos deles não tiveram formação sobre o uso, ou não tem computador e usam apenas celular. Ainda há casos em que o celular é compartilhado em casa por mais de uma pessoa. Então fica muito difícil para eles estarem de forma constante interagindo via acesso remoto. Além do mais, sem falar nas condições na casa de cada um, que são bem variadas. Tentei marcar algumas chamadas de vídeo através do Google Meet e o maior número que tive de estudantes em uma chamada foram seis. Na outra vieram dois, três, um. Variaram. De qualquer modo foi muito bom poder ver e falar com os poucos que apareceram. Realmente foi divertido, mas lembro que teve um que não funcionava o vídeo, outro que estava falando mas tinha muito barulho em casa e aí quando ele tentava falar, eu não conseguia entender direito. Era martelo, criança, etc.

A escola propôs que enviássemos uma atividade quinzenal na plataforma online. Ou seja, uma semana sim outra não. Foi definido que fizéssemos apenas revisões do que havia sido dado para não prejudicar quem não tem acesso e cuidássemos para não os sobrecarregar e mantermos algum vínculo deles com a escola. Porém, contraditoriamente, sinto ser uma proposta bem conteudista.

Os e as estudantes que não conseguem acesso online estão indo até a escola pegar a atividade ou materiais que encaminhamos de forma impressa. Levam esses materiais pra casa, mas não devolvem porque teríamos muitos riscos de contaminação. Pra mim isso tem sido um grande problema já que a maioria vai pegar material impresso na escola. No geral, tenho um retorno de cerca de 40% de cada turma. Sendo que em uma das turmas, apenas dois estudantes estão respondendo as atividades online e mesmo assim, às vezes se comunicam com intervalos de mais de 15 dias entre um acesso e outro.

Um dos momentos que gosto mais no meu dia a dia na docência é o momento que paro para ler o que eles me responderam, ou que corrijo exercícios e os envio respostas. Quando eles dão continuidade a comunicação fico muito feliz. Mas, ao mesmo tempo, tenho muito trabalho nesses momentos, muito mais do que antes. Pois eles me respondem de modos diversos. Alguns escrevem mensagem no celular, tiram print da tela e enviam pela plataforma do Google, outros escrevem no caderno, tiram fotos e enviam, outros escrevem direto no computador. Então levo bastante tempo abrindo cada arquivo, dando zoom, tentando ver as fotos e escrevendo retornos por e-mail ou plataforma do Google. Levo muito mais tempo do que se fosse vendo no papel ou pessoalmente. Também fica muito mais distante acompanhar o processo formativo, como eles estão, enfim. Isso me desanima.

Fico muitas vezes insegura sobre que caminhos escolher. Por um período estive explorando com eles algumas temáticas sobre

características biológicas do vírus, também falamos de fake news, vacinas, conversamos sobre ciência, o que é científico e como as pesquisas são feitas, buscando rever e quebrar alguns estereótipos, mas agora me sinto um tanto cansada. E se eu estou cansada, imagino que eles também devem estar. Então estou sentindo que preciso mudar a forma de movimento ou assuntos trabalhados novamente. No terceiro ano do ensino médio, alguns deles me enviaram mensagens preocupados com o conteúdo do vestibular e querendo saber como recuperar isso.

Acho que os melhores instantes que tive e que vejo que foram divertidos foram quando, de alguma maneira, os instiguei a imaginar, a exercer a autoria e a criar com o que encontram a sua volta. Alguns deles me enviaram lindas narrativas, muito sinceras inclusive com fotografias sobre o que os nutre nesses tempos de quarentena, geralmente muito relacionados a estar com pessoas que estão vinculados. Tomar café da manhã feito pela mãe, poder assistir Televisão com os pais, algo muito raro quando trabalhavam fora de casa. Percebo que alguns casos foram ficar com avós ou amigos da família no interior porque os pais estão trabalhando e estavam receosos de expor os filhos.

Eles, assim como eu, estão tendo acesso à muitas informações então vejo que quando os impulsiono a olhar para o que está mais perto de forma inventiva tenho um retorno muito bom. Como disse Manoel de Barros em um poema: “os meninos criavam novidades com suas palavras. Assim Bernardo emendou nova criação: Eu hoje vi um sapo com olhar de árvore. [...] era preciso desver o mundo para sair daquele lugar imensamente e sem lado” . Penso que esse pode ser um caminho para a docência, ainda mais nesse período. Mas pensar em atividades assim, com referências de várias áreas me dá bem mais trabalho, é mais lento, sinto como um movimento de resistência e sinto que ainda estou aprendendo a lidar com a rotina, logística e exigências da escola fazendo algo que acredito. Ainda mais que quando decido usar imagens ou vídeos para os e

as estudantes que acessam online, tenho que pensar em uma outra versão dessa prática pedagógica para àqueles que irão pegar a proposta impressa. Nesse caso temos um limite de folhas para usar e apenas impressões preto e branco são aceitas. Aumentaram ainda mais algumas demandas burocráticas, temos que preencher online quem acessa a plataforma, quem pega atividade impressa, entregar os planos quinzenais, preencher o diário de classe, tudo em um sistema online que trava com frequência.

Na minha vida cotidiana tenho tentado buscar o que me nutre, manter contato com quem está mais próximo e é possível no momento, movimentar o meu corpo. Sinto muita necessidade de pular corda, correr, fazer exercício, tem horas que é o que me alivia o cansaço das telas. Também buscar descobrir coisas boas, artes, música, terra, jardim, me ajuda muito então tento incentivá-los a procurar isso também. Estou em um momento que revejo e me pergunto sobre tudo na minha vida. Momento de muitos questionamentos, minha relação com trabalho, minha relação em casa e com amigos e amigas.

Bom, pra quem não sabia por onde começar, acho que falei bastante. Espero que essa carta possa contribuir com seu trabalho. Foi muito bom pra mim poder falar sobre isso e olhar para o meu cotidiano. Obrigada, até me diverti com as reflexões em alguns momentos.

Abrços

Carta 2:

Oi Marília, tudo bem?

Estou pra te escrever esta carta faz um bom tempo, não é? Desculpe-me pela demora. A vida anda tão complicada este ano, tantas demandas que se sobrepõem. Escrever é uma delas. Estou terminando meu doutorado e tem sido difícil organizar o tempo e a mente para escrever a tese. Além disso eu trabalho como professora de ciências de estudantes do nono ano do ensino fundamental. Na pandemia, tive que reorganizar os meus tempos e espaços de trabalho, tanto na tese quanto na docência, e conciliar com as demandas da maternidade, da vida escolar da

filha, da vida familiar como um todo, de um casamento que terminou de se desfazer nos últimos meses, da mudança de casa.

Acho que uma das grandes dificuldades da pandemia é a de ter que lidar com tantas coisas (a vida privada e profissional) ao mesmo tempo e em um mesmo espaço (a casa). Não sei se tive muito sucesso em minhas tentativas de organização da vida para enfrentar todos os desafios que se impuseram nesse período. Sinto que estou bem, bem melhor que no início e no meio deste ano. Sinto que vivi tudo isso de modo razoável.

Você disse que queria saber sobre minhas dificuldades profissionais, mas acredito que uma das particularidades do momento pandêmico é que elas são indissociáveis das questões privadas, familiares, afetivas.

Bom, em relação ao meu trabalho como professora nós poderíamos conversar sobre muitas coisas. Foram tantos dilemas, desafios, conflitos, tensões. Mas como tenho que decidir por algumas delas, senão a carta se tornaria extensa demais, resolvi te falar sobre o modo atabalhoado como a educação na pandemia foi se desenrolando e também sobre como eu percebo que as estudantes tem interagido com as atividades que nós, professoras, temos proposto durante a pandemia.

Suspendemos as aulas presenciais ainda em março, nos primeiros casos de transmissão comunitária de Covid-19 na cidade. Primeiro foi uma suspensão de 15 dias. Depois a secretaria de educação determinou que nós, docentes, deveríamos voltar ao trabalho. Naquela época, discutimos bastante sobre quais deveriam ser os objetivos dessas atividades e sobre quais as condições de nossas estudantes para realizá-las. Como seguir o ano letivo normalmente durante uma pandemia, com atividades de ensino remoto para crianças e adolescentes, com precárias possibilidades de interação, com as imensas desigualdades educacionais, culturais e socioeconômicas presentes entre nossas estudantes? Mas a proposta não era seguir o ano letivo normalmente. Naquela época, nem sabíamos se seria autorizado pelo Conselho Municipal de Educação a validação das atividades remotas como horas letivas. O decreto municipal que determinou que as professoras deveriam elaborar e publicar atividades educacionais dizia que essas atividades teriam um caráter “complementar”. Não seriam obrigatórias. Não houve muita discussão sobre o que significava “complementar”, mas interpretamos que eram atividades que deveriam complementar conteúdos do programa curricular que já tivessem sido trabalhados em momentos anteriores ou que seriam trabalhados no retorno às aulas presenciais.

Na minha escola, um pequeno grupo de professoras, entre elas eu, resistimos à ideia de que essas atividades computassem depois como horas letivas. Porque isso significaria assumir que elas substituíam as aulas presenciais, numa espécie de EAD impossível e capenga.

Diante disso, os argumentos dos que defendiam as atividades remotas era que elas teriam apenas um caráter complementar, que não avançaríamos em conteúdos que julgássemos essenciais, que teriam a função de manter o vínculo com a escola e alguma rotina de estudos.

E assim seguimos. Com os decretos de suspensão das atividades presenciais prorrogando-se de tempo em tempo e sem uma discussão sobre os sentidos das atividades que elaborávamos. Essas atividades eram postadas em um portal que a secretaria de educação organizou, cada escola tem uma espécie de página dentro deste portal e ali são postadas todas as atividades (organizadas por ano e áreas do conhecimento). Logo as atividades deixaram de ser complementares e passamos a trabalhar com o programa que havíamos elaborado no início do ano, quando ainda não imaginávamos o que estava por vir. Mas isso aconteceu sem uma rediscussão sobre o que significavam essas atividades no contexto da pandemia. Cada professor as significou a seu modo. E com o tempo foram se tornando cada vez efetivamente uma espécie de substituição impossível ao ensino presencial.

A qualidade das atividades elaboradas, os recursos utilizados, os meios utilizados para estabelecer algum tipo de comunicação com as estudantes, tudo isso ficou sob responsabilidade das escolas e das docentes. A prefeitura municipal e a secretaria de educação se esquivaram ao máximo de assumir responsabilidades, usando sempre o argumento da “autonomia da escola” para deixar que nós resolvêssemos do nosso modo. E cada escola e professora foram inventando meios de fazer algum trabalho, de acordo com os seus recursos (materiais, formativos, institucionais) e as demandas das estudantes que possuíam.

Vejo, desde o início, muitos questionamentos sobre as condições de acesso das estudantes à internet para a realização das atividades remotas. Isso é apenas uma parte do problema. Ainda que todas tivessem acesso à internet banda larga e computador para uso pessoal, isso não significaria que seria possível fazer Educação de crianças e adolescentes à distância. Escola é outra coisa. Tem todo um universo de experiências que só acontecem com o corpo no espaço da escola e com o coletivo que a constitui. Mesmo que só pensássemos na aprendizagem de conteúdos conceituais, restringindo ao máximo o significado da educação escolar, ainda assim é preciso muito mais do que acesso à internet. Tanto é que, nos momentos com maior participação ao longo da pandemia, eu tive no máximo 40% de respostas às minhas atividades online. participação que foi diminuindo e hoje eu devo ter cerca de 15% de respostas.

Temos estudantes que não estão realizando nenhuma atividade e estudantes que estão fazendo atividades impressas. Nós fazemos adaptações das atividades que planejamos para o formato online e elas se tornam textos e questões que são impressas e as famílias pegam semanalmente na escola. Junto das atividades eu sempre mando uma cartinha com orientações

sobre a atividade da semana e uma correção da atividade da semana anterior. O triste é não ter nenhum retorno destas estudantes que fazem as coisas em casa. Não sei quase nada sobre elas, salvo o que a diretora nos conta.

A diretora da nossa escola entrou em contato com quase todas as famílias de estudantes que não estavam fazendo as atividades online. Apenas com algumas poucas não consegui qualquer contato. Nessas buscas pelas famílias ela descobriu condições socioeconômicas bem difíceis em algumas delas. Aí entendemos algumas das dificuldades que tínhamos em trabalhar com parte das estudante - não apenas durante a pandemia, mas desde antes dela. E durante a pandemia os problemas só se agravaram.

Eu tenho me esforçado para produzir textos, imagens e vídeos bacanas para as estudantes que estão conseguindo estudar. Eu consigo algum tipo de retorno deles em relação ao que estão sentindo e aprendendo nas atividades através das respostas que eles escrevem nos formulários das atividades online. Sempre deixo um espaço para escreverem sobre como se sentiram durante a atividade. Mas é apenas o retorno dessas poucas estudantes que eu recebo, isso é cerca de 15% de todas as estudantes que eu tenho.

Bom. Lembra que eu disse antes que isso tudo começou como atividades complementares e não obrigatórias? Pois bem, agora já estamos no ponto de discutir como serão as avaliações de aprendizagem. Mas nunca foi avisado/decretado oficialmente que “a partir de agora é obrigatório e serão avaliados”! Semana passada começou a circular um documento da secretaria de educação com orientações sobre as avaliações. Elas serão necessárias para fecharmos o ano letivo. É necessário que haja algum tipo de documentação para lançar notas no sistema! Mas... todo mundo será aprovado, afinal não podemos penalizar estudantes que não fizeram essas atividades por não possuírem condições de realizá-las. O problema é como as coisas evoluíram de atividades complementares para educação formal oficial. Sem planejamento, sem discussão de currículo, sem garantir condições de acesso à internet e comunicação com as professoras. A responsabilidade ficou sobre as escolas, professoras, as famílias e as próprias estudantes.

Bom, já falei muito. Tanta coisa que aconteceu neste ano. Eu me sinto triste por tantas estudantes que estão longe da escola, fazendo essas atividades impressas sabe-se lá em que condições. Triste por não ter ideia de como elas se relacionam com os textos, vídeos e exercícios que eu proponho. Triste por terem perdido a garantia do direito à educação ao longo de um ano inteiro e ver que o Estado fez muito pouco para evitar isso.

Sinto que nos próximos anos encontraremos uma escola com as desigualdades ainda mais gritantes e teremos que lidar com isso de modo muito mais contundente. Não será possível ignorá-las. As desigualdades sociais, econômicas e culturais estão resultado em condições

desiguais de estudos ao longo desse ano. Teremos que enfrentar as consequências disso ao longo dos próximos anos.

Marília, eu te desejo uma boa conclusão de curso. E que venha pra escola com coragem e amor.

Temos grandes desafios pela frente!

Um abraço

Carta 3

Cara Marília,

Recebo sua carta-convite com bastante alegria, por diversos motivos. O primeiro deles e, talvez para mim o mais importante, é o fato de eu adorar o universo e a cultura das cartas. Embora essa resposta não seja através de uma carta física, traçada à mão e rasurando uma folha qualquer, tenho muito afeto pelo simples ato da troca de correspondência. Me parece ser um encontro mais lento, passível de uma respiração mais profunda e atenta aos ritmos do corpo. E por falar em respiração, como o ato de respirar tem sido evocado neste ano, não é mesmo? Respirar e perder a respiração me parecem imagens fundamentais para pensar esse 2020. Quantos acontecimentos atravessando nossos corpos e fazendo com que a respiração se paralise, se torne ofegante, quase deixei de sair ou saía com um grito entalado e rasgando a garganta.

Pois é... Você me convida a pensar sobre a vida e o trabalho pedagógico com a biologia neste ano, contexto de pandemia. Uma pandemia que atravessa reinos e diferentes dimensões da vida. Uma pandemia que, se iniciou biológica, com um vírus, ao longo do ano tem se transformado em algo muito maior. Como fazer resistir os encantos da docência e da vida em um mundo à beira do colapso? Talvez essa seja uma das perguntas que o ar tenha feito ventilar por aqui. Pois, se por um lado ele tem faltado para milhares e milhões de pessoas ao redor do planeta, ou tenha soprado fagulhas de um fogo criminoso por milhares e milhões de hectares, por outro ele também traz indícios de que a vida e a potência de criação que faz vida, segue existindo.

Então, é com sussurros quase inaudíveis e pequenas sementes dançarinas em dispersão anemocórica que pretendo tentar responder a essa sua questão. Sou professor no IFSC e atuo principalmente com estudantes dos ensinos técnicos integrados ao ensino médio, na disciplina de Biologia. Há uma semana finalizamos o primeiro semestre de 2020.

Um semestre distendido que começou em fevereiro e atravessou o ano. Em alguns momentos parece que o tempo não passou, em outros sinto como se uma vida inteira tivesse acontecido nesse meio tempo. Quando as atividades presenciais foram suspensas, eu tinha algo em torno de um mês de encontros presenciais com cinco turmas diferentes. Todas elas eram turmas novas para mim. Ainda estávamos nos conhecendo – aquele momento cativante em que tudo é novidade e que o universo de cada estudante se mostra aos pouquinhos em gestos, palavras, tons de voz, tipo de letras, etc. Eu ainda não podia dizer que já tinha uma relação com as turmas, ela ainda estava em construção. Talvez este tenha sido o primeiro desafio no início das atividades não presenciais: conhecer quem eram aqueles seres que estariam comigo ao longo do semestre. Como isso se daria sem esses inúmeros sinais que são de outra ordem que não aquela da objetividade de uma listagem de nomes? Como eu saberia o som da risada de determinado estudante ou o gesto que assinalava a timidez daquela menina que se senta no canto da sala. A geografia do espaço o movimento dos corpos. Todos esses aspectos menores, marginais, que não são mais que detalhes quase banais do contexto pedagógico, de uma hora para outra, tinham desaparecido de nossos encontros. Por outro lado, o que ganhou uma importância desmesurada, foram os sistemas acadêmicos, plataformas virtuais, softwares para encontros síncronos. Todo um ecossistema de novas palavras que, até então, não faziam parte de meu léxico cotidiano. Aprender a usar as ferramentas e vestir um novo corpo performático para vivenciar esse ser docente por detrás de uma câmera foi um dos primeiros desafios. E talvez possa parecer estranho que esses sejam os aspectos primeiros deste meu relato e não os desafios com conteúdos, propostas de atividades, avaliações. Pois é... Talvez a dimensão do encontro e de sua ausência tenha sido, para mim, algo pungente.

Paralelo a isso, administrar a vida e seus tempos tem envolvido outro grande desafio. Como construir uma rotina de vida quando não mais limites espaciais, corporais e temporais definidos entre o que é trabalho e a vida cotidiana? Quando as duas lógicas se atravessam ficam difícil limitar tempos e espaços e eis que me vejo, aos poucos invadindo a casa dos estudantes através de uma câmera. Lá está a mãe de um cozinhando no plano de fundo da imagem, em outra tomada escuto um irmão ou irmã reclamando do horário de uso do computador. Ao mesmo tempo, me vejo sentado na mesa da sala de minha casa, com minha filha engatinhando sobre meus pés e minha esposa se esgueirando para não invadir minha aula e conseguir lidar com a rotina da vida, no espaço agora compartilhado de casa e trabalho. Este também tem sido um desafio importante: como não permitir que a vida, seus

tempos e espaços sejam engolidos por um excesso de produtividade e presença que se impõe quando os limites físicos do espaço escolar e profissional deixam de existir?

Mas nem tudo tem sido desafio. Desde o início das atividades não presenciais, defini que minha abordagem com o ensino de biologia seria priorizar a leveza e a possibilidade de respirar. Assim, desde o início me propus a abrir, cada vez mais, as margens limitantes e limitadas dos conteúdos programáticos. Propor atividades e encontros que privilegiassem a oportunidade de criação – em grande parte ficcional – e a troca de repertórios. Foi assim que em vários encontros síncronos, o início acontecia com uma estudante tocando o piano de sua casa, ou um rapaz declamando uma de suas poesias. As conversas seguiam sempre buscando acolher como eles e elas estavam se sentindo neste contexto tão confuso e possibilitando espaço para conversas que escapassem do tormento da enxurrada e notícias e pudessem suspirar tranquilidade. Assim, a troca de sensações sobre séries, livros e discussão sobre o corte de cabelo de um ou outra passaram a ter o mesmo status de importância que a apresentação de um conceito ou outro da biologia. Como os limites passaram a ser mais afrouxados e o virtual ganhou uma presença e significância grande, me incentivei a explorar recursos que talvez não tivesse oportunidade de fazer no ensino presencial. Com isso, ganharam vida proposições envolvendo a biologia em encontro com a plataforma Google & Arts, a visita a exposições em museus virtuais ou viagens pelo Google Earth ao som de Philip Glass.

Esse tem sido um ano de sentimentos e sensações confusas. Por um lado tenho vivenciado uma revolta e uma descrença quase paralisante nisso que se apresenta como realidade e nas perspectivas de um futuro para este mundo que, por hora, habitamos. Porém, ao ver minha filha pequena dançar, crescer e expressar a potência de vida no cotidiano de nossos dias, percebo que talvez haja outros mundos possíveis, fazendo ecoar os cantos de vida intensamente repetidos por Ailton Krenak ao longo dessa longa pandemia. Além disso, em relação à docência, talvez este tenha sido – paradoxalmente – o ano em que mais tive retornos positivos de estudantes em relação ao semestre. Foram inúmeros e-mails carinhosos demonstrando como nossos encontros e a forma de convidá-los às atividades pedagógicas foi capaz de manter o estímulo e desejo pelas atividades escolares e vários contatos simplesmente com desabafos sobre situações particulares vividas durante o período de isolamento. E talvez essa seja a resposta possível para aquela primeira questão que me fez, ao iniciar a escritura desta carta. Fazer resistir a vida e a docência pressupõe o encontro com

esse pequenos atos de respirar junto. Fazer borborilhar o ar entre nós que ainda vivemos e ainda pretendemos fazer a vida acontecer e florescer.

Agradeço pela oportunidade de borborilhar contigo e desejo que seu TCC faça dançar outros pequenos sopros de vida.

Um abraço.

Carta 4:

Querida Marília.

Abraços!

Espero que ao ler esta carta estejas bem e com saúde.

Há dias venho pensando em você e na tarefa que você me deu. Na minha cabeça tenho simulado conversas contigo. Foi difícil achar uma brechinha na correria dos dias pra sentar e materializar esse encontro. Mas, finalmente arrumei um tempinho e escrevo esta carta que, já vou logo avisando, será um desabafo.

Sendo assim, começo minha fala repetindo aqui uma frase comum desses tempos virulentos: os dias não têm sido fáceis.

E essa é uma verdade dolorida, que a gente tenta esconder, mas que volta e meia nos consome. Já se passaram mais de seis meses do início do isolamento solidário e ainda é difícil acreditar no que estamos vivendo.

Afinal, tantas coisas ruins nos atravessam nesse momento, né Marília? Algumas delas já existiam, convivendo com a poeira embaixo do tapete. Mas, com tudo que vem acontecendo, parece que perdemos um pouco da capacidade de escondê-las lá. Ou, talvez, não tenha mais espaço mesmo. Estamos todos fartos, saturados.

Há dias em que tudo isso me soterra e sufoca, sabe? É a mais pura sensação paralisante de impotência. Sou atravessada por todas essas coisas que têm acontecido. Eu não consigo ficar imune. Sofro com o cinismo do presidente e de sua corja, com os milhares de mortos pela Covid no Brasil e toda a negligência do poder público, com a covardia das pessoas e da sua ignorância.

E tem o "ser professora" no meio disso tudo.

E, ser professora tem sido uma das partes mais difíceis dessa tarefa de viver em um mundo pandêmico. Isso porque, apesar de há anos estar em contato com ensino remoto através do meu trabalho no Blog do Enem, eu não estava preparada para dar aulas remotamente. Não estava preparada para ser afetada de tantas maneiras.

Ainda assim, há algum tempo tenho me perguntado o porquê de me sentir tão incomodada com isso. Por que é tão difícil dar aulas remotamente? Afinal, estou mais tempo em casa com as crianças. Estou livre do trânsito que me consumia as horas. Sou privilegiada por poder trabalhar de casa, quando tantos de nós se veem obrigados a se expor ao vírus para se sustentarem.

Acontece, Marília, que a missão que me desses me ajudou a encontrar algumas respostas para esse meu incômodo. E a primeira delas é que o isolamento me tirou a coisa que mais me atrai para a sala de aula: o estar junto.

Ah, Marília! Eu sinto tanta falta do barulho! Do som dos passos no corredor, do burburinho do recreio. Sinto falta até da bagunça na sala de aula! Tenho saudades dos cheiros do laboratório, da cor dos uniformes, do arrastar das carteiras, de ouvir confissões de paixões adolescentes, de

ficar brava com a desorganização dos papéis em cima da mesa da sala dos professores.

Sei o quanto isso provavelmente soa cafona. É brega, mas é verdade. Nós, professores e professoras, fomos apartados dos beijos melados na bochecha, dos abraços carentes, dos olhares de acolhimento.

Como dar aulas sem ler meus alunos através das suas expressões? Como podemos nos reconhecer através das telas ou de uma folha de papel? Como ter aquele misto de nervoso e expectativa que nos faz dar uma aula inspiradora olhando apenas para a lente de uma câmera? Simplesmente não dá.

Nas escolas em que trabalho, temos transitado por várias maneiras de "dar aulas" durante o ensino remoto. Tateamos as possibilidades, mas estamos longe de encontrarmos a maneira ideal. Ainda assim, seguimos tentando, após todo esse tempo. Produzimos materiais impressos, gravamos videoaulas, traçamos trilhas de aprendizagem, temos aulas ao vivo através do Google Meet...

Mas, nem mesmo as trocas dos momentos síncronos são capazes de amenizar as saudades. Cada um na sua casa, não tem o mesmo efeito do conjunto dividindo o mesmo espaço. Nós somos humanos cada vez mais digitais, mais adaptados a esse mundo que avança sem pedir licença. Mas, quanto de nós é perdido nessa secura das telas?

Não sei, Marília. Só sei que é difícil fazer caber em uma videoaula as vivências que se espera de uma aula de ciências! Que é quase impossível entusiasmar uma turma fragmentada. E que é um verdadeiro malabarismo dar aulas nesse momento.

Pensa comigo: a gente sabe que é preciso estimular os alunos em suas casas, instigá-los, certo? Mas, ao mesmo

tempo, como incentivar a experimentação com turmas de ensino fundamental sem que isso aumente ainda mais a carga de trabalho dos pais que acumulam home office, ensino remoto dos filhos, medo do vírus, do desemprego, do incerto?

Difícil, né? E tem também a rotina, Marília! Ou a falta dela? Aqui em casa, eu e meu marido somos professores. Então, nunca acaba. NUNCA ACABA! Quando não sou eu, é ele gravando aula. Quando não é ele, sou eu pendurada no computador dando aula para as bolinhas do Meet.

E aí edita vídeo e sobe no YouTube e faz capinha de vídeo e escreve e grava e sobe. E corrige. Corrige. Digita nota. E responde aluno no whats. E lida com reclamação de pais. Reunião de professores. E tem alerta do Classroom as 2 horas da manhã. E falta energia. A internet cai. E a gente se vira, porque professor não pode parar e deixar aluno desamparado, né? Seguimos teimando. E começa tudo de novo.

E permeando todo esse fazer acelerado e insano, misturam-se medos e aflições outros, além daqueles que a maior parte de nós está se "acostumando" nesta pandemia.

São os medos gerados por toda a exposição a que nós professores e professoras estamos sendo submetidos neste momento de ensino remoto. O medo de estar entrando na casa dos teus alunos, de conversar sobre temas polêmicos e ser mal interpretada pela família das crianças, de ter sua imagem deturpada, sua casa exposta.

E ainda no meio de tudo isso, Marília, tem também o "ser mãe". E tem doído, guria. Porque, mais do que nunca, boa parte do tempo a mais com eles não tem qualidade. Como você deve ter percebido, o on-line não tem nos deixado muito tempo para estar off-line. Então, boa parte do dia é estar junto estando ausente, porque precisamos trabalhar. Tentar

explicar que eles precisam ficar quietinhos por horas no quarto, enquanto gravamos aula ou damos aula pelo Meet, acaba comigo.

Imagino que a esta altura da minha carta você já tenha se entristecido com meu relato cansado. Mas, peço que não desanime aqui. Como eu te disse lá no começo dessa conversa, eu sabia que quando comesse a escrever, minha fala teria um tom de desabafo. Desculpe-me por isso. Mas é necessário. Não há como falar desse momento enquanto professora sem te mostrar as dores que estamos vivendo.

Mas, fique sabendo que este é um desabafo de uma professora muito cansada, porém, ainda assim, otimista.

Acontece que apesar de continuar vivendo essas angústias aqui relatadas, com o tempo me lembrei daquilo que dizia o Guimarães Rosa, que felicidade se encontra nas horinhas de descuido. Vesti-me também de Manuel de Barros, e me lembrei de como é importante encontrar beleza nas miudezas.

Correndo o risco de ser piegas mais uma vez, o que quero te dizer é que tenho percebido, e agora com maior clareza à medida que escrevo esta carta, que essas horinhas de descuido têm me salvado.

Quando a correria me sufoca, vou pro quintal e mecho na terra. Contemplo a minha horta bagunçada, que para mim é quase um latifúndio de riquezas. Observo a desimportância das brigas dos pardais. Contemplo o ritmo das plantas. Brigo com as lesmas e cochonilhas que insistem em comer as suculentas. E me apaixono todos os dias pela beleza das pequenas abelhas jataís que passei a guardar.

Quando não é possível estar lá fora, torno o serviço doméstico, mecânico e tedioso, em algo um pouco mais

prazeroso ouvindo podcasts. Com eles aprendo sobre livros, sobre ciência, história...

E devo dizer que sou grata por esse hábito que adquiri na quarentena. Tenho aprendido tanto!

(Inclusive, Marília, minha orientadora do mestrado me indicou um podcast lindíssimo. É de fazer qualquer biólogo chorar de emoção: Vinte Mil Léguas. O podcast se propõe a ler o Darwin como escritor. É tão lindo, Marília! As jornalistas guiam os episódios com maestria e tecem o contexto da construção de "A origem das espécies" de uma maneira incrível. Se você ouvir, depois me conte o que achou.)

E, veja só Marília, essas miudezas que encontrei por esse caminho, como não poderia deixar de ser, contaminaram também minhas aulas.

Há algumas semanas, quando o meu desânimo tinha me deixado muito abatida, decidi que deixaria de lado as correções e conteúdos programados na aula ao vivo.

Decidi fazer uma aula mais leve, jogar um pouco de conversa fora e contar pros meus alunos das minhas pequenas aventuras pelo quintal. Conteí das abelhas, dos beija-flores que conheci, das flores que plantei, da composteira que construí, dos livros que li, dos podcasts que ouvi.

E ~obviamente~ eles se interessaram mais por essas miudezas do que pelos conteúdos da apostila. E também me contaram das belezas dos dias deles.

Dessas aulas mais livres surgiram ideias e curiosidades. E para sanar essas curiosidades a gente chamou outras pessoas pra conversar, gente que eles queriam conhecer. E surgiram as tardes científicas.

Nessas tardes os alunos me encheram de orgulho e até me fizeram esquecer de todo o peso que tem sido viver esses dias. Os convidados das tardes conversaram com eles sobre os corais e o aquecimento global, sobre as abelhas nativas no meio urbano e até mesmo sobre a teoria da relatividade!

Eles ficaram tão empolgados que decidiram, veja só, fazer um podcast deles. Já tem até um nome: Já sou cientista! O primeiro episódio será sobre as abelhas.

Falando assim, você pode perceber que não sei bem como tudo isso aconteceu. E é isso mesmo, fugiu do roteiro. E espero, Marília, que esta seja para você a coisa mais importante da minha carta.

Esses passos fora do planejamento me trouxeram alento. Você entende o que quero dizer? Ver os alunos pela tela, ouvir suas vozes ecoando no meu computador não chega nem perto da potência da experiência que é tê-los por perto. Mas, nesses momentos pude perceber os tons diferentes das suas vozes.

Notar as pequenas variações de empolgação nos discursos deles nesses dias me deu um pouquinho de esperança, sabe? Acalmou um pouquinho as angústias, diminuiu os medos.

Veja, Marília. Um dia você, creio eu, se tornará professora. E, você talvez encontre prazer na organização e nos planos saindo como esperado. Mas, espero que você não precise de uma pandemia para se dar conta de que a alegria de ser professora está nas miudezas dos dias, no inesperado das coisas.

Um beijo grande. Fique bem.

Carta 5:

Olá Marília,

Início esta carta com um sentimento de retorno. Foi este o gesto [abrir uma correspondência] que escolhi para inaugurar a docência à distância e virtual que temos realizado em nosso colégio desde o mês de abril. Naquele momento, enquanto o sol invadia meu escritório improvisado na sala de casa, escrevi as primeiras cartas para meus estudantes de sextos e oitavos anos.

Nosso colégio organizou as atividades do tele-trabalho com muita cautela e lentidão. Durante quatro meses organizamos o ambiente virtual de trabalho, com reuniões exaustivas e burocracias difíceis de normalizar. Buscamos, neste período, manter a relação com as famílias através de proposições individuais dos professores com cada uma de suas turmas. As atividades de correspondência afetiva que propus aos meus estudantes não eram obrigatórias e estavam repletas de repertórios culturais; foram textos e imagens sobre as paisagens domésticas, o corpo e a rotina da casa, a velhice e os saberes tradicionais, os povos originários e os seus diferentes quintais. Temas que se entremeavam com as discussões ambientalistas que fazíamos em sala e com as vivências inauguradas com a pandemia de sars-cov-2. Materiais em diferentes linguagens (animação, fotografia, colagem, reportagem, clipe de música, receitas, quadrinhos, poesia, podcast...) que pudessem abrir um espaço de nutrição estética, que eu temia solapada pela monotonia de um ano fora do tempo.

Algumas respostas retornavam, de estudantes e suas famílias, emocionantes e verdadeiras. Com alguns estudantes, pude também trocar algumas receitas de bolo, entrevistas com anciãos, pesquisas na internet, fragmentos audiovisuais e alguns desabafos. Falamos sobre músicas e livros, brincadeiras e notícias, ciência e contação de histórias.

De um lado, me preocupava que o caráter público / comum, este espaço de encontro com a alteridade que é a escola, se obstruísse com a ausência de

deslocamentos imposta pelo distanciamento social. De outro, observava e me assustava com as diferentes demandas de resposta “à crise” colocadas pelas mais diferentes e ambivalentes narrativas sobre a educação na pandemia. Confesso que no início não me sentia otimista e que o ofício da docência esteve demasiado vazio, solitário e quieto em tais condições. Abrir uma correspondência, enquanto fosse possível, para ouvir e ler o mundo em companhia do tempo escolar, foi a estratégia que encontrei para amenizar este sentimento e para sustentar as perspectivas político-pedagógicas que me orientam. Queria, como ouvi uma colega professora dizer, falar com meus estudantes com sinceridade e fazer aparecer os diferentes pontos de vida que cada estudante produz com as palavras e imagens de seus registros cotidianos.

Em julho as coisas mudaram. Construimos uma força-tarefa para identificar os estudantes sem acesso à internet e distribuimos [nós, UFSC] aparelhos eletrônicos e planos de dados para os estudantes das mais diferentes condições sociais que necessitavam deste apoio material. Passamos a realizar “aulas síncronas” semanais através de vídeo-chamadas e propor “atividades assíncronas” para complementar os estudos e as horas necessárias para o cumprimento do ano letivo. Mimetizamos, aos poucos, o ambiente típico que possuímos no ensino presencial, com grades de horário, currículos e avaliações muito semelhantes aquelas do cotidiano escolar. Foram horas e horas defronte aos recursos digitais me formando para aprender a dinamizar as estratégias de ensino, as proposições de atividades, as explicações virtuais, os espaços extra-classe, os caminhos de diálogo com estudantes e pais...

Um verdadeiro universo de novidade, que aprendi a valorizar e admirar com o passar das semanas, apesar do aspecto aparentemente desértico de alguns encontros síncronos (poucos estudantes se manifestam na maioria das aulas) e da certeza inequívoca de que a presença do corpo de uma aula presencial é insubstituível. Ainda assim, as belezuras que são características da escola, o brilho em constituir um espaço de criação e aprendizado, o ruído

causado por uma questão insolúvel, a leitura inquisitória de uma imagem nunca antes vista – seja ela um infográfico sobre o uso e o manejo da terra, seja ela um linfócito T sob o microscópio eletrônico -, pirilampam eventualmente e quando menos se espera durante estes encontros mediados pelas telas dos aparelhos eletrônicos e fazem a travessia deste ano de 2020 ser preenchido com esperança e sopro de vida.

Sei que este texto pode parecer ambivalente e cheio de dualidades, quem sabe tomado de contradições do início ao fim. Talvez pela própria natureza da experiência que estamos enfrentando. Como um pêndulo, o sentimento de sustentar a docência sem escola e o recreio sem pátio, voa para a esquerda e para a direita. Entre o assombro de não poder estar aí como necessário e a estranheza de estar aí ainda assim, apesar de tudo, sabendo que isto faz toda a diferença para alguém em algum outro lugar invisível e inimaginável.

Um amigo e professor que tive sempre reforçou o aspecto existencial da escolha pela carreira docente; algo que é incapturável pelas instituições e que germina com uma imensidão de afetos na vida de quem se aventura nesta profissão. Neste período em que toda a instituição precisa se defrontar consigo mesma, o horizonte existencial é tomado de sobressaltos.

Bom, acredito que muito ainda pode ser dito sobre as experiências pedagógicas virtuais e a organização escolar deste período de tele-trabalho. E muito ainda precisa ser pensado, inclusive. Agradeço pelo convite para embarcar nestas reflexões e me mantenho à disposição para partilhar outros relatos destas vivências turbilhonares do trabalho docente.

4. Experiências que se cruzam nas narrativas de cinco docentes de Ciências e Biologia

De início, com o recebimento das cinco cartas, busquei extrair algumas informações mais gerais: a forma como escrevem, de onde escrevem, suas angústias, com quem compartilham o espaço durante o confinamento, entre outras questões. A segunda leitura, mais atenta e cuidadosa, me permitiu descobrir pontos em comum nas cartas e algumas particularidades.

Com essas cinco cartas à minha disposição, escritas por indivíduos com experiências tão distintas, histórias e questões pessoais a serem contadas e um desafio em comum durante o confinamento – o ensino remoto – surge um desafio “como distinguir, separar, utilizar informações que são quase como confidenciais” (REIGOTA,1999 p.71) sem ultrapassar os limites éticos essenciais no campo científico?

A alternativa inicial encontrada para o presente trabalho foi a de compilar em diferentes categorias, alguns pontos que se cruzam nas escritas das cartas: *Os desafios enfrentados com a adaptação ao ensino remoto; a saudade das aulas presenciais; alternativas exploradas*. Essas categorias foram criadas por mim a partir dos sentimentos e sensações diversos que surgiram durante a leitura das cartas, me instigando a realizar uma reflexão mais minuciosa dos aspectos da docência no atual contexto.

Partindo desses pontos, outras questões e particularidades acabam sendo abordadas, visto que a escrita das cartas percorre o caminho de experiências de sujeitos distintos, inseridos em diferentes cotidianos. Portanto, a dimensão ou a extensão de cada um desses aspectos que foram definidos por mim, variam em intensidade e são explorados mais detalhadamente por alguns dos docentes, ou abordados de forma mais sutil por outros.

Apesar dessas particularidades, os sentimentos e experiências pessoais registrados nas cartas e que motivaram a definição das três diferentes categorias, estão evidentemente presentes e são constantemente citados pelos docentes nas linhas de suas escritas. São essas linhas que inspiraram o fazer das minhas próprias para construção do tópico que segue.

5. Relatos da docência em tempos de confinamento

5.1 Os desafios enfrentados com a adaptação ao ensino remoto

Pensar no processo educativo durante a pandemia percorre muitos desafios, tensões e dilemas, além de fomentar preocupações e conflitos que surgem durante um período permeado por diversas restrições e limitações. A escrita de uma carta abordando sobre o cotidiano da vida docente nesse período, além de um desabafo é também um ato de coragem por parte desses professores e permite dar vazão a suas vozes.

Com a necessidade do distanciamento social para diminuir a transmissão do vírus, instituições educacionais precisaram suspender as aulas presenciais e grande parte das escolas deu continuidade aos processos educativos através do ensino remoto ou não presencial. Vídeos, mensagens, conferências online, lives, áudios, imagens e sons, tudo junto e misturado. Professores, alunos e seus responsáveis, criando em tempo recorde alternativas e formas de sobrevivência em meio a uma demanda de ensino, muitas vezes massivo e unidirecional, o chamado ensino remoto (MARTINS; ALMEIDA, 2020).

E, assim como descrito por Santos (2020), o ensino remoto tem deixado suas marcas. Por um lado, ele permite encontros afetuosos e boas dinâmicas curriculares surgem em alguns espaços, rotinas de estudo e encontros com os alunos são garantidos no contexto da pandemia. Por outro lado, seguem repetindo modelos massivos e subutilizam os potenciais da cibercultura na educação, causando tédio, desânimo e exaustão física e mental de professores e alunos. Adoecimentos físicos e mentais já são relatados em rede.

Com a interrupção das aulas presenciais, a prática de ensino, além de precisar ser adaptada e de certo modo reinventada frente a uma nova realidade imposta, também passou a ocupar e entremear ainda mais a rotina dos professores. A docência se fez ainda mais presente no cotidiano de suas vidas pessoais, com tudo sendo realizado a partir de um mesmo espaço físico.

Subitamente, os professores tiveram que conciliar diferentes funções como maternidade, paternidade e, em um dos casos, a finalização de uma tese de doutorado, com as atividades do ensino remoto: preparo de aulas online, exercícios a serem corrigidos, adaptação de horários, utilização de plataformas digitais de ensino, além das mais diversas demandas burocráticas das escolas. Exercer funções tão distintas de um mesmo espaço físico (comumente a casa), torna a carga emocional ainda mais intensa e,

somado a isso, surgiram novas exigências e o constante questionamento: como tornar possível e seguir com o ano letivo durante um período tão conturbado?

Muitos alunos enfrentam dificuldades para utilizar as plataformas de ensino, pois não tiveram uma formação própria para o uso dessas ferramentas, não possuem computador em casa, ou precisam compartilhar o celular com mais de uma pessoa. A leitura dos relatos apenas reforça a existência das desigualdades socioeconômicas, educacionais e culturais em nosso país.

É evidente que as dificuldades enfrentadas no atual contexto são inúmeras: a desvalorização da profissão docente, as dificuldades de saúde e psicológicas, a exclusão digital de grande parcela da população no país e tantos outros problemas que a educação brasileira enfrenta cotidianamente e que, com a pandemia, se apresentam com ainda maior potência.

Diante de tantos entraves e com precárias possibilidades de interação para crianças e adolescentes que se encontram em condição de maior vulnerabilidade, tornar o ensino remoto viável e efetivo tem se mostrado um enorme desafio. Dados do Censo Escolar 2020, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), mostram que na educação infantil, a internet banda larga se faz presente em 85% das escolas particulares. Porém, a rede municipal, que é a rede que apresenta maior participação na oferta da educação infantil, é a que possui menor capacidade tecnológica: 52% das escolas possuem internet banda larga e 23,8% fornecem internet para uso dos estudantes. A pesquisa também mostra que no ensino médio os alunos passam a contar com mais recursos, sendo que na rede estadual, que apresenta maior participação na oferta do ensino médio no país, 80,4% das escolas têm internet banda larga. Apesar disso, vale ressaltar que os dados do Censo Escolar retratam apenas a realidade das escolas e não dos alunos e espaços em que se encontram inseridos ou residem.

A falta de acesso à internet e computador para uso pessoal é apenas uma das dificuldades a serem enfrentadas. Mesmo que essas limitações não estivessem presentes, o ensino remoto de crianças e adolescentes não permite as múltiplas possibilidades de uma aula presencial, bem como a riqueza de experiências que são construídas no corpo e espaço da escola, com o coletivo. Desse modo, o ensino remoto tal como o reconhecemos, pode ser um caminho para complementação da vida escolar, uma alternativa que possibilita a manutenção do vínculo dos alunos com a escola. Porém o papel da escola e do encontro e contato direto com o diferente é insubstituível. Aqui, reforço o que é

afirmado por Martins e Almeida (2020), que entendem a educação como um *espaçotempo* de formação forjado em convivências e conversas.

A adaptação do ensino de Ciências e Biologia para as telas, exigiu e segue exigindo novas capacidades para seguir com o ano letivo e estimular os alunos em suas casas. Os desafios enfrentados por cada um dos docentes-autores das cartas são distintos visto que estão inseridos em diferentes contextos e exercem outros tantos papéis sociais. Apesar dos relatos sobre as particularidades e dores indissociáveis do “ser professor/a” em tempos pandêmicos, as cartas trazem também lampejos de esperança e otimismo, seja com abordagens de ensino instigantes ou através das pequenas trocas e inesperadas alegrias que surgem no caminho.

5.2 A saudade das aulas presenciais

O isolamento social e as diversas medidas de restrição, apartaram os docentes de um dos aspectos mais estimulantes do processo de ensino: o estar junto. A distância física dos alunos, a impossibilidade de exercer uma aula entremeada por questionamentos, olhares atentos, gestos, discussões que surgem sobre determinada temática; tudo isso, sobretudo nas fases iniciais da pandemia, se tornou cada vez mais distante da realidade de muitos professores.

Assim como relatado por um dos docentes: “talvez a dimensão do encontro e de sua ausência tenha sido, para mim, algo pungente”. No decorrer da leitura das cartas, identifiquei a saudade como uma presença constante nas escritas: saudade de observar as reações dos alunos, do som de suas risadas, de criar junto, saudade dos olhares de acolhimento, da cor dos uniformes, o som do arrastar das carteiras, o burburinho no recreio. Em síntese, saudade de todo um universo que pertencia à rotina dos docentes no espaço da escola.

De que são feitos os dias?

- De pequenos desejos, vagarosas saudades,
Silenciosas lembranças.

Cecília Meireles

De acordo com Rufino (2019) “Educação é invenção, viração de mundo, é feito gerado por aqueles que pulsam e reivindicam uma maneira de pensar e constituir

suas existências nas tentativas de comunicar e tecer as mais diferentes possibilidades de existência. Assim, se educa brincando na rua, virando bicho, rabiscando parede, sentindo dor, vontade e alegria, na festa no barulho, na diferença” (p. 2). É inquestionável que o ensino presencial, por permitir um contato mais direto entre os sujeitos, garante uma maior troca de informações e experiências. Desse modo, é mais fácil acompanhar o processo formativo dos alunos, identificar assuntos que precisam ser melhor trabalhados ou percorrer e adequar os caminhos da docência de acordo com as exigências e particularidades de cada turma.

Muitos professores, sobretudo os que estavam ingressando em uma nova escola no início da pandemia, ou aqueles que ainda não haviam tido um primeiro contato com suas turmas, tiveram que se adaptar e buscar formas de desenvolver vínculos afetivos com os estudantes através das telas. Um dos docentes-autores das cartas relata que, quando as atividades presenciais foram suspensas, ele ainda estava passando por um período de construção da relação com suas turmas, visto que todas eram turmas novas para ele. Naquele período, ainda estava descobrindo aos poucos sobre o universo de cada estudante, atento a seus gestos, aprendendo a identificá-los através de seus tons de voz, se habituando aos seus tipos de letras, gestos e diversos outros aspectos que apenas o “estar junto” possibilita serem vivenciados e observados de modo mais afetivo.

De uma hora para outra, a presença física dos docentes e o compartilhamento de um mesmo espaço físico com os alunos foi substituída por uma presença apenas online, através das telas de computadores e celulares. Nas cartas, além dos relatos sobre as dificuldades de fazer caber em uma videoaula as vivências que se espera de uma aula de Ciências, um dos docentes descreve o ambiente aparentemente desértico de alguns encontros síncronos, com poucos estudantes se manifestando nos encontros síncronos. Fica evidente que tais momentos, mesmo aqueles em que há maior participação dos estudantes, não tem a mesma potência do conjunto dividindo um mesmo espaço.

Apesar das adversidades impostas pelos novos desafios, os docentes desenvolveram alguns meios para amenizar o sentimento de solidão e saudade do encontro coletivo dos corpos, do olho no olho. Essas alternativas possibilitaram encurtar a distância imposta pelo isolamento social e fizeram persistir a docência e seus encantos.

5.3 Alternativas exploradas

Com o início das atividades não presenciais, os docentes tiveram que explorar novas abordagens e meios para seguir com o trabalho pedagógico e, mais do que isso, garantir e reforçar o vínculo com os estudantes. Durante a leitura das cartas, me chamou a atenção as diversas alternativas encontradas para seguir construindo com os estudantes conhecimentos relativos à ciência e à biologia, e fazer resistir os encantos da docência durante um período tão conturbado, num país que beira ao colapso.

Levando em consideração a enxurrada de notícias e informações sobre a pandemia, que chegam aos alunos por intermédio das mais variadas fontes, os docentes buscaram meios de tornar suas aulas mais leves, não se limitando apenas ao conteúdo programático. Em meio às demandas escolares, um dos docentes define que a perspectiva acionada no ensino remoto de Biologia “seria priorizar a leveza e a possibilidade de respirar”. Essa abordagem é reforçada nas cartas dos demais docentes, que buscaram construir meios de garantir encontros mais afetivos, criando um espaço para conversas sinceras e trocas de experiências durante o período de isolamento.

Desse modo, além de apresentar os conceitos e temáticas relativas a Ciências e Biologia, os docentes conversaram com seus alunos sobre músicas, livros e séries. Relataram sobre suas novas experiências durante o confinamento e das miudezas de suas vivências: “Contei das abelhas, dos beija-flores que conheci, das flores que plantei, da composteira que construí, dos livros que li, dos podcasts que ouvi [...] também me contaram das belezas dos dias deles”. Durante o período de isolamento e ensino remoto, surgiu a oportunidade de novas práticas pedagógicas serem experimentadas: “Com isso, ganharam vida proposições envolvendo a biologia em encontro com a plataforma Google & Arts, a visita a exposições em museus virtuais ou viagens pelo Google Earth ao som de Philip Glass.”

Um dos docentes optou por iniciar a docência remota escrevendo cartas para os seus estudantes de sextos e oitavos anos: “abrir uma correspondência, enquanto fosse possível, para ouvir e ler o mundo em companhia do tempo escolar, foi a estratégia que encontrei para amenizar este sentimento e para sustentar as perspectivas político-pedagógicas que me orientam”. Essa alternativa proposta aos estudantes, definida por ele como uma “atividade de correspondência afetiva”, não era obrigatória, porém, as respostas que retornavam estavam permeadas de repertórios culturais, trazendo imagens e textos sobre as paisagens domésticas, a velhice e os saberes tradicionais, o corpo e a

rotina de casa: “Temas que se entremeavam com as discussões ambientalistas que fazíamos em sala e com as vivências inauguradas com a pandemia de Sars-CoV-2. Materiais em diferentes linguagens (animação, fotografia, colagem, reportagem, clipe de música, receitas, quadrinhos, poesia, podcast) que pudessem abrir um espaço de nutrição estética, que eu temia solapada pela monotonia de um ano fora do tempo”.

Entre as inúmeras alternativas, uma das docentes relata sobre a criação das “tardes científicas”, introduzidas a partir das curiosidades e ideias que surgiram durante as aulas. Para sanar as curiosidades dos estudantes, outras pessoas foram convocadas para as conversas, pessoas que eles gostariam de conhecer. Esses convidados abordaram sobre os mais variados temas: as abelhas nativas no ambiente urbano, os impactos do aquecimento global nos recifes de corais, teoria da relatividade, entre outros assuntos.

Uma alternativa interessante da docência durante o confinamento, sobretudo nas aulas de Ciências, é instigar os estudantes a imaginar e criar com o que encontram a sua volta. Segundo uma das docentes, nos momentos em que ela motivou os alunos a exercerem autoria e observar o que está mais próximo de maneira inventiva, obteve um retorno muito bom.

Os relatos das cartas sobre as alternativas encontradas para o ensino de Ciências e Biologia durante o ensino remoto, traz aspectos positivos de novas propostas pedagógicas que buscaram minimizar os efeitos do distanciamento físico, criando espaços de autoria, inovação e fazendo com que docentes e estudantes caminhassem por caminhos até então pouco explorados.

Acredito que seja importante reforçar que, apesar das facilidades proporcionadas pelos meios digitais e dos inúmeros recursos que os docentes dispõem, existe uma demanda de tempo e análise consideráveis para conhecimento desses novos recursos, elaboração e adaptação dos planos e temáticas abordadas: “Nas escolas em que trabalho, temos transitado por várias maneiras de ‘dar aulas’ durante o ensino remoto. Tateamos as possibilidades [...] produzimos materiais impressos, gravamos vídeoaulas, traçamos trilhas de aprendizagem, temos aulas ao vivo através do Google Meet...”. Além disso, existe ainda todo um cronograma a ser seguido, grades de horários, currículos e avaliações a serem cumpridas, similar ao que ocorria no cotidiano escolar. Para essas atividades obrigatórias, também são encontrados meios e alternativas, que são definidas pelas escolas.

Apesar dos entraves durante o atual contexto e da intensificação das demandas, tanto as relacionadas ao trabalho docente em si, como as demandas pessoais, as novas alternativas exploradas emanaram sopros de vida e esperança, construindo momentos memoráveis a partir de novas experiências pedagógicas, propiciando e valorizando espaços de compartilhamento de experiências e criação conjunta.

6. Considerações finais

A pandemia do novo coronavírus trouxe diversos impactos para a educação, tanto para os estudantes quanto para os professores. Tecnologia e ensino remoto vêm sendo os principais aliados para dar continuidade ao ano letivo, mas enfrentam diversas barreiras como a desigualdade no acesso à Internet. A adaptação à essa realidade imposta de modo tão repentino, exigiu dos/as professores/as de Ciências e Biologia novas formas e alternativas de ver e pensar a educação.

A leitura das cartas permitiu obter um olhar atento sobre experiências distintas de cinco docentes e o caminho que esses têm percorrido neste contexto de pandemia. São relatos contaminados de experiências pessoais, desabafos, angústias e pequenas conquistas de sujeitos que se disponibilizaram a dividir um pouco de suas vidas comigo. A compilação dessas cinco cartas, bem como a escolha das categorias desenvolvidas em meu TCC, trouxe a oportunidade de operar uma metodologia para esse trabalho em que o afeto e a empatia se fazem presentes do início ao fim.

A escolha das cartas como ferramenta metodológica permite emergir da pesquisa uma variedade de sentimentos, além de possibilitar que eu trabalhasse alternativas distintas para um projeto de pesquisa. As cartas foram a base e ponto de partida para minha escrita, porém novas ideias e possibilidades surgiram durante o caminho de desenvolvimento do trabalho, à medida que surgirem novas sugestões e percepções.

É inegável que muito ainda precisa ser pensado para a construção e garantia de um ambiente de ensino digno e incluyente durante o atual contexto. Esse é um caminho longo e árduo, que deve ser percorrido levando em consideração a desigualdade social existente em nosso país e as particularidades de cada escola e meio no qual ela está inserida. São inúmeros aspectos que não cabem serem discutidos aqui, mas que julgo importantes de serem pensados.

O processo de desenvolvimento deste TCC repercutiu também em meu processo de formação como docente de Ciências e Biologia. Apesar de me sentir apreensiva em alguns momentos, os relatos dos docentes permitiram um contato, ainda que através das

cartas, com novas possibilidades e caminhos de se fazer a docência. Caminhos esses que afloraram durante a pandemia, mas que podem ganhar força e continuar sendo explorados e adaptados para as aulas presenciais. Os meios explorados por esses docentes durante a pandemia serviram também como fonte de inspiração para aulas criativas, autênticas e permeadas de afeto. São aulas assim que pretendo criar com meus alunos futuramente, abrangendo novos conteúdos e espaços para além do conteúdo sistemático de Ciências e Biologia.

Meu intuito como futura docente é, assim como sugeriu um dos docentes em sua carta, criar um espaço que permita “pequenos atos de respirar junto”. Me sinto de certa forma encorajada pelos professores envolvidos em meu trabalho, inspirada e motivada a fazer resistir os encantos e afetos da docência, ampliando as dimensões do ensino de Ciências e Biologia. Defendo profundamente a importância de permitir dar voz a diferentes realidades, no poder e riqueza da escuta. Acredito que a docência é um processo de construção e criação contínuo, que nunca acaba, mas que se fortalece e consolida à medida que temos coragem para percorrer novos caminhos.

Finalizo aqui trazendo uma carta escrita por mim, relatando brevemente a experiência da construção desse trabalho e algumas questões que emergiram durante a escrita.

Querido leitor,

O desenvolvimento desse TCC durante a pandemia se tornou um respiro em meio à infinidade de notícias e informações sobre os vírus e todos os impactos gerados com a atual crise. Todo o processo percorrido foi feito com muita afeição e cuidado, desde o envio da carta/convite aos docentes até a escrita das categorias definidas. O trabalho foi pensado para sensibilizar, mas também teve a finalidade de permitir ao leitor uma proximidade com a realidade da docência durante um período tão conturbado. Meu intuito principal, foi dar visibilidade a realidades distintas e, ao mesmo tempo, reforçar a similaridade existente em seus desafios, anseios e questões pessoais relativas ao ensino de Ciências e Biologia.

Durante a leitura das cartas, fui atravessada por relatos de vidas e experiências que me tocaram e trouxeram sentimentos diversos e muitas vezes antagônicos. Além disso, surgiram muitas questões que fomentaram discussões críticas com meus

famíliares e amigos próximos. Acredito que, junto ao meu orientador, não poderia ter feito melhor escolha metodológica. As cartas e toda trajetória de escrita que se desenrolou a partir delas, moveram sentimentos e renovaram meu olhar sobre a docência.

Diante dos inúmeros enfrentamentos desse período, houve alguns momentos de desânimo e resistência, quando a escrita fluiu de forma mais lenta. Nesses momentos procurei respeitar meu tempo, fazendo algumas pausas quando necessário. Durante essas pausas procurei realizar atividades que priorizassem minha saúde mental e que, de certo modo, renovassem minhas energias e servissem como inspiração para escrita. Passei um tempo no sítio de minha família, estreitando o contato com a natureza, tive longas conversas com meu avô e troquei algumas receitas de bolo com minha tia mais velha. Na simplicidade desses momentos, encontrei a motivação necessária para seguir enfrentando as adversidades e incertezas da pandemia.

Em paralelo ao desenvolvimento do trabalho, iniciei a disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino de Ciências. Assim, tive um contato mais próximo com o ambiente escolar durante esse período, ainda que de forma remota. Durante a disciplina de Estágio, eu e meu colega acompanhamos a dinâmica das aulas de uma turma de oitavo ano, em uma escola da rede pública de Florianópolis. Ao final da disciplina, na fase de regência, elaboramos um plano de ensino e desenvolvemos uma aula para os alunos, sobre as diferentes formas de reprodução dos seres vivos. Diversos aspectos citados pelos docentes nas cartas também foram vivenciados durante o Estágio: problemas com a conexão da plataforma de ensino, participação e interação limitada dos alunos, o ambiente aparentemente desértico de algumas aulas, em que apenas se ouvia a voz da professora.

Toda a experiência adquirida durante a escrita do trabalho, incluindo o Estágio em Ciências, serviram para reforçar que "além de escutar e ver, existe algo menos tangível, mas igualmente importante: a energia da sala, o estar juntos. Você perde aquela dimensão indescritível quando não está compartilhando o mesmo espaço físico." (GOTTLIEB, 2019, p. 154)

7. Referências

BARZANO, Marco Antonio Leandro. **Cartas autobiográficas de formação e profissão: experiências de um professor-pesquisador- extensionista de Educação Ambiental**, 2020.

BARZANO, Marco Antonio Leandro; SANTOS, John Erliton Simão dos. Escrevendo cartas: a sexualidade na vida e na formação docente de Biologia. **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia, Mg, v. 26, n. 1, p. 100-120, abr. 2019.

BARZANO, Marco Antonio Leandro; MELO, André Carneiro. A pandemia como propulsora de insurgências no porvir do ensino de biologia e educação ambiental: alguns apontamentos. **Revista Sergipana de Educação Ambiental (Revisea)**, Sergipe, v. 7, n. 8, p. 1-15, dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revisea/article/view/14351>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BARZANO, Marco Antonio L. **Currículo das Margens: apontamentos para ser professor de Ciências e Biologia**. Educação em Foco. Juiz de Fora, V.21, N. 1, p. 105-124. Março-Junho, 2016. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/19658>

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FERREIRA, Geraldo Generoso. ESCRITA DE SI COMO LABIRINTO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE. **Travessias**, Paraná, v. 6, n. 1, p. 220-233, 2012. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/6202>. Acesso em: 02 fev. 2021.

GOMES, Maria Lopes e. **Entre ruídos: encontros sonoros de uma pesquisa em educação**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

GOTTLIEB, Lori. **Talvez você deva conversar com alguém**. São Paulo: Vestígio, 2019.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em Tempos de Pandemia: *saberesfazeres* escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 215-224,

ago. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/51026>. Acesso em: 21 abr. 2021.

NETTO, Carla *et al.* Revista Educação por Escrito –PUCRS, v.3, n.1, jul. 2012. 14 Cartas: um instrumento desvelador que faz a diferença no processo educacional. **Educação Por Escrito**, Rio Grande do Sul, v. 3, p. 14-25, jul. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/11025>. Acesso em: 10 out. 2020.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis: DP et Alii, 2010.

PEREIRA, Alexandre de Jesus; NARDUCHI, Fábio; MIRANDA, Maria Geralda de. BIOPOLÍTICA E EDUCAÇÃO: os impactos da pandemia do covid-19 nas escolas públicas. **Revista Augustus**, [S.L.], v. 25, n. 51, p. 219-236, 3 jun. 2020. Sociedade Unificada de Ensino Augusto Motta -UNISUAM. <http://dx.doi.org/10.15202/1981896.2020v25n51p219>.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas** – Da etnografia às narrativas Ficcionalis. Santa Cruz do Sul: EDUNISC - 1999.

RIBEIRO, Neurilene Martins; SOUZA, Elizeu Clementino. **As cartas e as histórias de vida: dilemas e aprendizagens da docência em língua portuguesa**. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (org.). **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis: DP et Alii, 2010. p. 79-95.

SANTOS, Edméa O. **EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença?** Revista Docência e Cibercultura. Notícias. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119> Acesso em: 16 abr. 2021.

RUFINO, Luiz. Exu o pedagogo e o mundo como escola. **Anos Iniciais em Revista**. V. 3, n. 3. 2019. Disponível em <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/anosiniciais/article/view/2234/1531>. Acesso em 25 de agosto de 2020.